

Quando o homem desmunheca: masculinidades bicha como uma ideia-conceito em construção

Mateus de Melo Albuquerque¹
Soraya Barreto Januário²

Resumo: O artigo explora a noção de masculinidades bicha como uma ideia-conceito utilizada para observar e analisar outras possibilidades que podem significar ser homem de maneira não normativa no Brasil. A pesquisa propõe analisar as vivências de homens nordestinos que performam feminilidades, sem que isso os afaste totalmente da concepção das masculinidades, expressando estas de formas dissidentes ao modelo hegemônico. O recorte teórico-metodológico se deu através de um itinerário bibliográfico acerca das masculinidades e de oito entrevistas narrativas com homens cisgêneros, que são gays e bichas. Como resultado, foi possível constatar que a identidade bicha é articulada a partir do pertencimento a grupos de apoio, composto de pessoas LGBTQIAPN+, além de estabelecer performances, trânsitos e narrativas contra hegemônicas.

Palavras-chave: Masculinidades bicha. Entrevistas narrativas. Estudos das masculinidades.

¹ Estudante de doutorado em Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe). E-mail: mateusmeloalb@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3158951995847309>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6010-4456>.

² Pós-doutorado na McGill University, Institute of Gender, Sexuality and Feminisms (IGSF), Montreal, Canadá. Doutora em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFPE). E-mail: soraya.barreto@ufpe.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9445751629301499>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0405-6381>.

Os problemas masculinos aparecem tardiamente³ nos estudos de gênero, mas deflagram uma noção fundamental para as pessoas que pesquisam essa área do conhecimento: a de que homem também é gênero e os processos de subjetivação masculina são realizados dentro de um sistema de poder que, quando analisado em conjunto com outros marcadores da diferença, nos leva a considerar ultrapassada a noção de patriarcado dominador universal (Butler, 2019). Sendo assim, ao reconhecer as especificidades imbricadas no conjunto de fatores que levam à produção das masculinidades, alguns termos têm sido mobilizados para tentar descrever experiências específicas do que pode significar ser homem em determinado contexto cultural. Entre estes, os clássicos da disciplina: masculinidade hegemônica, masculinidade marginalizada, masculinidade cúmplice e masculinidade subordinada (Connell, 2005).

O objetivo do presente artigo é o de explorar a noção de *masculinidades bicha* como uma ideia-conceito capaz de articular de que maneira é possível, para sujeitos tidos como homens, situados primeiramente no contexto do Nordeste brasileiro, constituírem para si atributos de feminilidade, sem deixar de ainda assim reproduzir uma certa ideia de masculinidade. A ideia foi articulada e desenvolvida durante uma pesquisa de Mestrado, que originou este trabalho (Albuquerque, 2023) e trata, sumariamente, da capacidade de analisar como se articulam espectros de feminilidades em sujeitos que se declaram homens cisgêneros, homossexuais e bichas. Notadamente, estes aspectos são materializados desde a aquisição de trejeitos supostamente femininos, até o uso de roupas, maquiagens e posição sexual.

Em um primeiro momento, o presente texto faz uma localização epistemológica do campo de estudos das masculinidades. Em seguida, o artigo discute o embasamento teórico da ideia *masculinidades bicha* a partir de uma perspectiva genealógica, recapitulando alguns textos elementares sobre a história da homossexualidade masculina no Brasil e dos estudos de gênero. Por fim, apresentamos como a

³ Mesmo que os estudos feministas e das mulheres já estivessem se desenvolvendo desde o início do século XX, é apenas na década de 1980 que os estudos das masculinidades começam a se estruturar academicamente (Albuquerque, 2023).

ideia-conceito foi articulada a partir da coleta e análise de algumas entrevistas narrativas.

No que diz respeito às perspectivas metodológicas da investigação que originou este artigo, trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico à luz dos estudos de gênero, das masculinidades, das homossexualidades brasileiras, teorias queer, teorias feministas, direitos humanos, entre outros, e de oito entrevistas narrativas semiestruturadas. Podemos apontar também que as referências audiovisuais foram de grande importância para a realização da pesquisa. Em especial, o documentário BICHAS, dirigido por Marlon Parente e disponível gratuitamente no YouTube⁴ e o filme *Pixote: A lei do mais fraco* (1980), dirigido por Héctor Babenco.

Masculinidades no plural

O termo “estudos das masculinidades”, como uma área específica do conhecimento, não apenas dá nome a uma disciplina — muitas vezes deixada de lado — originada pelos estudos feministas, mas trata também da expectativa de construir uma ciência capaz de historicizar os processos de apreensão, performance e (des/re)construção do que pode significar ser homem e/ou performar masculinidade(s). Mesmo que em países anglófonos seja comum se referir a essa disciplina como *men's studies* (estudos dos homens), em contraposição aos *women's studies* (estudos das mulheres), optamos por pensar em “masculinidades” como um conjunto de teorias que trata das relações constituídas entre homens, mas não apenas.

Ao falar “masculinidades”, reforçamos o caráter socialmente construído da performance do masculino e deslocamos a noção de masculinidade do “ser homem”. Sendo assim, não é necessário ser homem para ser masculino/a/e, como já demonstrou Jack Halberstam ([1998] 2019) em seu livro *Female masculinity* (*Masculinidade feminina*, em livre tradução), ou como visualizamos nos movimentos não binários que, utilizam a noção de “transmasculinidade” para se referir a corpos que não se reconhecem na ideia de “homem”, mas mesmo assim materializam algum tipo de

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU>. Acesso em: 5 mai. 2025.

masculinidade em seus processos de trânsito. Dessa maneira, os estudos das masculinidades não se configuram, necessariamente, como estudos dos homens, mesmo que estes nunca deixem de fazer parte do interesse das investigações realizadas por essa disciplina.

Desde a década de 1970, as disciplinas de estudos dos homens e das masculinidades começaram a crescer, especialmente nos Estados Unidos e na Austrália, tornando-se mais densas na década seguinte. A homossexualidade masculina é apontada por Carrigan, Connell e Lee (1985) e por Connell (2013) como uma das principais demandas estruturadoras dos estudos das masculinidades, analisada à época pelos próprios homens gays que compunham esse movimento político e acadêmico.

Além disso, estamos falando de um longo período de mudanças políticas e sociais no mundo. Movimentos sociais ganhavam força, como os movimentos negros, sindicais, ou mesmo os feminismos. Os próprios movimentos de organização política homossexual pareciam ganhar um caráter global, a exemplo da articulação do *Fronte Unitario Omosessuale Rivoluzionario Italiano (Fuori!)* na Itália, os efeitos pós *Liberation Day* nos Estados Unidos e o surgimento da militância gay articulada no Brasil, a exemplo do *Grupo Somos*.

Com o lançamento de *Masculinities* (Connell, [1995] 2005), é deflagrada de maneira mais concisa a importância do campo de estudos das masculinidades para as ciências sociais. O livro, escrito pela socióloga Raewyn Connell, analisa as relações de poder em que os homens se incluem e também reitera a noção de pluralidade em meio às masculinidades, compreendendo que não existe apenas uma forma de ser masculino ou de produzir o que vem a constituir a ideia de ser homem. Dentre as diversas ideias discutidas na obra, a de masculinidade hegemônica se sobressaiu. O termo, que já fazia parte de trabalhos anteriores da autora (Carrigan; Connell; Lee, 1985), foi recuperado outras vezes durante a sua carreira por conta das críticas, debates e provocações que proporcionou (Connell; Messerschmidt, 2013).

Ao usar a perspectiva gramsciana de hegemonia, Connell tenta fazer menção a um modelo de masculinidade que estaria numa posição hegemônica, o que lhe garantiria certo poder de normatividade. Ou seja, este modelo operaria como uma norma social

que se refere “à compreensão supostamente biológica, e não histórica, de um ideal normalizador do comportamento masculino para o qual a ‘harmonia social’ dá seu apoio” (Albuquerque, 2023, p. 82).

O que Connell (2005) entende como hegemônico, aqui, localiza um modelo de ser homem compreendido, pela própria pesquisadora, como algo que não é fixo ou universal, mas variante de acordo com a cultura e sociedade que se analisa, em vistas de atender às soluções aceitáveis para os problemas de legitimação do patriarcado em questão, sendo este assegurado pela posição dominadora dos homens e pela consequente subordinação feminina. Portanto, no pensamento de Connell, a masculinidade hegemônica seria aquela que “ocupa uma posição hegemônica em um dado padrão de relações de gênero” (Connell, 2005, p. 76, tradução livre).

O problema de gênero que segue os debates em torno do conceito de Connell se articula em torno da compreensão de que não podemos supor categorias capazes de dar conta de uma identidade comum definida a partir de uma suposta condição universal. Esse entendimento vai ao encontro da compreensão de que “o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos” (Butler, 2019, p. 21). Ou seja, “mulher” e “homem” não são termos capazes de dar conta de tudo que essa pessoa é. Isso porque à medida que o gênero passa a ser equacionado em conjunto com outros fatores, tais como raça, classe, nacionalidade, composição corporal, sexualidade, dentre muitos outros, a ideia de uma condição universal e homogênea compartilhada por todas “mulheres” ou “homens” revela-se incompleta.

Kimberlé Crenshaw (2002) compreende que os marcadores identitários não afetam separadamente o indivíduo, mas condicionam estruturalmente as opressões a determinados grupos. Com efeito, condicionam também a maneira como o masculino se relaciona também com outras questões sociopolíticas, como relações de resistência, cultura, economia, entre outras.

Dessa maneira, é possível observar e analisar relações de masculinidades próprias em contextos específicos, a partir da formação histórica dos grupos sociais, levando também em consideração a maneira como estas se relacionam com a classe, a

raça e a sexualidade dos indivíduos, para destacar alguns importantes marcadores. Esse é o caso das masculinidades bicha, uma das possibilidades não hegemônicas do ser masculino observada na sociedade brasileira, que tem como característica fundamental a habilidade que determinados homens têm de performar feminilidades. Mesmo que observemos que a masculinidade hegemônica atua como ideal, ou seja, como uma norma a ser alcançada, poucos a atingem, sendo, portanto, um modelo utópico.

A ideia que observa as masculinidades dissidentes dialoga com a compreensão de Kimmel (1998) de masculinidade subalterna. Sobre isso, Leonardo Martinelli (2023, p. 94) à luz da teoria de Kimmel (1998) complementa que: “as masculinidades hegemônicas e as subalternas, são produzidas através de interações mútuas, porém desiguais, em uma ordem social e econômica dividida pelo gênero”. As masculinidades bicha seriam uma forma de descrever e analisar vivências que se referem a um modelo não hegemônico e subalternizado.

Masculinidades bicha

Chamar alguém de bicha na sociedade brasileira significa descrever um corpo supostamente masculino, por assim ter sido designado no ato do nascimento, em uma posição enquadrada como feminina. Em outras línguas, poderíamos traduzir bicha como *faggot* (inglês), *maricón* (espanhol), ou até mesmo *queer*, este último com certas ressalvas. Porém, ao analisar a ocorrência dessa expressão em qualquer contexto, é preciso reconhecer a genealogia que produz a sua utilização e as especificidades de seu uso em cada local.

A utilização da palavra “bicha” não trata, necessariamente, de uma prática pejorativa ou ofensiva. Apesar de ser utilizada dessa maneira diversas vezes, também é uma nomenclatura de autodefinição da comunidade sexo-diversa desde o século passado (Albuquerque, 2023; Green, 2019; Trevisan, 2018). Argumentamos, portanto, que bicha é uma posição discursiva na qual os papéis de gênero designados às pessoas que utilizam essa expressão são embaralhados e nenhum é utilizado de maneira completamente masculina, ou exclusivamente feminina. Também nessa perspectiva,

destacamos que o termo possui uma variabilidade própria, dando conta de identidades distintas para a população LGBTQIAPN+ (Albuquerque, 2023).

Quando um homem diz que também é bicha, a utilização do termo em seu discurso acentua a aparição de performances de feminilidade, como trejeitos, roupas ou utilização de maquiagens, por exemplo, em um corpo que ainda assim se reconhece enquanto homem. Dentro da comunidade gay, a expressão já era utilizada desde a primeira metade do século XX em contraposição a “bofe” (Green, 2019), que seria a palavra usada para descrever homossexuais “masculinos”, uma maneira heterocentrada de pensar que mesmo relações não heterossexuais precisam reproduzir uma lógica de complementaridade “homem/mulher”.

O bofe, que hoje talvez possa ser entendido sob a nomenclatura de “padrão”, enquanto “homem” e “masculino” era, àquela época, o personagem viril da relação, exercendo a posição ativa, ou seja, a de penetrador, enquanto à bicha caberia exercer a passividade sexual (Green, 2019; Trevisan, 2018). Cabe pontuar que esse entendimento não implica na ideia de que todos os homens lidos como masculinos, seriam supostamente ativos, mas trata-se do entendimento social mais reforçado durante o século XX, ainda sendo visto hoje. A performance do bofe acentua ainda a aquisição de uma visualidade e estética masculina latentes, ou normativas, como a utilização de roupas estritamente masculinas e poucos ou nenhum trejeito feminino. A ideia de bofe e/ou padrão participa de uma lógica comumente associada à higienização da homossexualidade, interpretação que parte de uma dicotomia rígida entre masculinidade “tradicional” e afeminada, o que não reflete necessariamente a diversidade de vivências dos homens gays. Todavia, no âmbito da estrutura social dominante, essa premissa é lida pelo sistema de sexo/gênero, como um gay mais “aceitável” e “polido” (Oliveira, 2018; Lopes, 2023).

Esse sistema de classificação sexual que demarca papéis sexuais designados como ativo e passivo (Green, 2019), foi denominado pelo historiador Peter Fry (1982) como “modelo hierárquico”, no qual a homossexualidade seria algo atribuído apenas ao homem penetrado, distanciando o homem que penetra de uma identidade bicha. Dessa

forma, os passivos, entendidos como feminilizados, acabam sendo o alvo de discriminações variadas, inclusive dentro da comunidade LGBTQIAPN+.

A complexidade das relações estabelecidas pelas masculinidades bicha com as práticas de desestabilização da masculinidade nos parece mais sofisticada do que algo que diria respeito propriamente e, quase que exclusivamente, à posição sexual que um indivíduo sente mais prazer em ocupar. A recorrência da dicotomia “bicha/bofe” nos estudos produzidos acerca das homossexualidades brasileiras, apesar de nos ajudar a compreender a genealogia da sexo-diversidade no Brasil, também reitera um binarismo que estabiliza a cis-heterossexualidade.

Compreendemos que a identidade bicha e masculina é materializada a partir de um enquadramento de determinados sujeitos em uma posição subalterna. A resposta a esse chamamento pode ser invocada devido a diferentes questões, sendo estas associadas à posição marginalizada ocupada por homens que desempenham feminilidades. Portanto, definimos as masculinidades bicha como uma posição performativa na qual são utilizadas práticas desestabilizadoras da masculinidade normativa, como o uso de roupas femininas, maquiagens, ou simplesmente por referirem a si mesmos no feminino, não se comprometem em reproduzir tal normatividade e, além disso, estão enquadrados como dissidentes sexuais e de gênero.

Em um quadro comparativo, e recuperando algumas das ideias contidas na obra de Connell (2005), trata-se de um tipo de masculinidade subalterna (Kimmel, 1998) — por dar conta de pessoas homossexuais —, diferenciada de outras masculinidades gays porque não reproduz as mesmas práticas de afirmação da masculinidade os bofes ou padrões reproduzem. Com efeito, mesmo que haja um certo privilégio entre os pares, eles seguem sendo excluídos dos ideais de masculinidade hegemônica. Dessa maneira, trata-se, como já discutido, de uma masculinidade afeminada (Lopes, 2023) e que, estando equacionada em conjunto com a homossexualidade, nega duplamente a normatividade masculina tradicional.

Mesmo que não se comprometa de maneira exclusiva nem como masculino normativo, também não é possível afirmar que as masculinidades bicha tratam de uma ideia completamente feminina, porque os sujeitos assim reconhecidos ainda recuperam

a ideia de ser homem, questão acentuada ao retomarem para si a ideia que diz respeito ao fato de serem homossexuais.

A palavra “bicha” começou a ser usada pela comunidade gay por volta da década de 1930 e faz alusão à palavra *biche* que, em francês, quer dizer “veado”, termo que já era utilizado no Brasil para se referir aos homens homossexuais pelo menos desde a década anterior (Green, 2019; Albuquerque, 2023). Devido ao fato de ser um estrangeirismo, é possível que a expressão *biche* tenha sido popularizada por trazer um glamour a mais que “veado”, até que, de alguma maneira, tornou-se a “bicha”, como conhecemos. Em meados de 1960, a palavra foi “roubada” do seu contexto de origem e, tendo sido utilizada pelas forças policiais do Rio de Janeiro, se popularizou como um insulto degenerativo em relação à comunidade LGBTQIAPN+ nos anos que seguiram (Green, 2019; Albuquerque, 2023). Mesmo tendo sido apropriada como um insulto homofóbico, a palavra não deixou de fazer parte de um vocabulário LGBTQIAPN+, como comprovam as edições do *Lampião da Esquina*, publicação jornalística LGBTQIAPN+ independente e veiculada de 1978 a 1981.

Sabemos que os termos LGBTQIAPN+fóbicos são algumas das variadas formas utilizadas para subalternizar pessoas dissidentes do sistema normalizador das identidades sexuais e de gênero, e por isso compõem a gramática de insultos utilizada por uma agenda de ódio que visa injuriar pessoas já marginalizadas, se caracterizando assim como uma violência discursiva. Dessa forma, o uso de determinadas palavras e expressões tem permitido que, ao longo da história do Brasil, sejam solidificados discursos de ódio e declarações injuriosas em direção à população LGBTQIA+. Seu uso contra performativo, permite a esquematização de práticas de resistência.

Após analisarmos o quadro teórico e genealógico a partir do qual compreendemos a ideia de bicha, consideramos que as masculinidades bicha, ao tensionarem a normatividade da masculinidade hegemônica, não apenas subvertem padrões tradicionais, mas também estabelecem novas regras e códigos internos que podem gerar dinâmicas de pertencimento e exclusão dentro da comunidade LGBTQIAPN+. Intuímos também que essa expressão diria respeito a uma das muitas formas que sujeitos subalternizados encontram para resistir aos discursos de

normatização e normalização das identidades. Tendo revisado epistemologicamente o terreno sob o qual poderíamos desenvolver nossa ideia-conceito, partimos para as entrevistas.

Bichas em entrevista

Na perspectiva de confirmar, refutar e estabelecer um dialogismo empírico da construção da ideia-conceito, escolhemos enquanto método o uso de entrevistas narrativas semiestruturadas (Jovchelovitch; Bauer, 2002), que tem como proposta o desprendimento dos sistemas de pergunta e respostas corriqueiramente utilizados em entrevistas nas quais o entrevistador intervém na narração. Para localizar voluntários para as entrevistas, utilizamos da metodologia bola de neve (Biernacki; Waldorf, 1981) como forma de encontrar redes de conexão entre a amostra de voluntários de determinada pesquisa, sendo assim uma perspectiva efetiva em “penetrar populações escondidas ou difíceis de encontrar” (Dewes, 2013, p. 7). Trata-se de pessoas próximas ao círculo de convivência do autor da pesquisa inicial, o que nas palavras de Dewes (2013, p.10), se caracteriza como um método que “pressupõe que há uma ligação entre os membros da população dado pela característica de interesse”.

Os entrevistados são homens gays cisgêneros que se autodenominam bichas, que participaram do boom digital e tiveram acesso à universidade. As entrevistas aconteceram online, via Google Meet, em duas fases: entre fevereiro e julho de 2022 e entre dezembro de 2023 e fevereiro de 2024. Por fim, na perspectiva de aprofundar os relatos narrativos coletados e promover uma espécie de experimento piloto, optou-se por realizar a entrevista com 8 voluntários:⁵ Beto, de 26 anos, branco, natural de Aracaju (SE), que se identifica como bicha, assexual e homossexual e é publicitário; Gabriel, de 24 anos, preto, natural de Recife (PE), que se identifica como bicha e é cientista político; Ariel, de 27 anos, branco, natural de Recife (PE), que se identifica como bicha e é administrador de empresas; Omar, de 27 anos, branco, natural de Acari

⁵ Respeitando os procedimentos éticos da UFPE, os nomes utilizados são fictícios.

(RN), que se identifica como gay afeminado e é publicitário; Diogo, de 23 anos, branco, natural de Jaboatão dos Guararapes (PE), que se identifica como gay e é analista de negócios; Kauê, de 25 anos, branco, natural de Recife (PE), que se identifica como viado e é designer; João, de 26 anos, branco, natural de Nazaré da Mata (PE), que se identifica como gay e bicha e é publicitário; e Júnior, de 28 anos, branco, natural de Macaparana (PE), que se identifica como bicha e é arquiteto.

É pertinente pontuar que o debate parte de uma perspectiva situada (Haraway, 1995) numa lógica regional. As masculinidades dissidentes, especialmente as “bichas” no contexto nordestino, devem ser compreendidas dentro de um arcabouço teórico que contemple a interseccionalidade. Desenvolvido por Kimberlé Crenshaw (2002), esse conceito permite analisar como opressões de gênero, sexualidade, raça, classe e região interagem para estruturar experiências de discriminação e resistência. O Nordeste brasileiro, frequentemente representado de forma estereotipada como um espaço de hipermasculinidade e machismo, também é um território de produção de subjetividades queer e de resistência. Pesquisadores como Richard Miskolci (2017) e Marcio Zamboni (2018) apontam que as performances dissidentes de gênero são não apenas reprimidas, mas também ressignificadas por meio de práticas culturais, como é exemplo divas da cultura pop e da cultura *voguing*.

O trabalho de Joseph Rojas (2023) destaca como a bicha nordestina vive uma dupla marginalização: primeiro, por desafiar as normas de masculinidade hegemônica; segundo, por ser um sujeito do Nordeste, região muitas vezes vista pelo Sul e Sudeste como arcaica e tradicionalista. Todavia, há um crescente movimento de reapropriação desse termo e de ressignificação da bicha como identidade política (Sales, 2021), especialmente em redes sociais digitais e em produções artísticas.

Nossas entrevistas foram transcritas, de modo que pudemos posteriormente analisar as histórias que contam e como estas envolvem um modo de perceber e estar no mundo. Neste artigo, será analisada a maneira como as histórias dos sujeitos entrevistados podem revelar, transmitir, reorganizar ou repetir hétero-normas de poder, já que histórias individuais também podem contribuir para o entendimento

sistematizado de histórias sociais, especialmente quando se trata de grupos marginalizados.

Encontrar a maneira como diferentes sujeitos encaram, produzem e narram as suas contrariedades individuais não é uma tarefa fácil, especialmente quando as questões colocadas em pauta envolvem temas como gênero e sexualidade, marcadores fundamentais para a formação do sujeito moderno que, de maneira peculiar, são recorrentemente tratadas como tabu. Mesmo assim, a ideia de trabalhar com entrevistas narrativas pode trazer provocações fundamentais para a elaboração de uma pesquisa e sua análise pode levar a resultados especialmente particulares por se tratar de um método que não lida com uma lista fixa de perguntas, mas permite ao entrevistado autonomia para deixar fluir a sua própria história da maneira que preferir.

Após a análise das entrevistas, surgiram três linhas temáticas preponderantes: a da formação do sujeito (representada especialmente pela família e pelos lugares de onde eles vêm), a das masculinidades (como padrão normativo e potencial desconstrutivo) e a dos grupos de resistência (tratando das comunidades de autorização mútua). Começamos pela primeira.

Regular, catalogar, incitar e produzir discursos acerca da sexualidade fez a modernidade ocidental se tornar temerosa em relação ao gênero, porque desvios de gênero são recorrentemente associados aos desvios sexuais. Mas esses desvios da normatividade sexual e de gênero são inevitáveis, isso porque a norma é tão frágil que precisa ser constantemente repetida e trazida à tona, já que sua materialização sobre os corpos nunca se completa e os desvios só podem se dar dentro dos seus próprios termos, demonstrando suas limitações e contradições. Foi notável perceber que os entrevistados da pesquisa relatam a família (em especial, a figura paterna) e a escola como dois principais agentes para a repressão de suas feminilidades durante a infância, fase da vida que foi central em todas as narrativas sobre a descoberta das identidades bichas. Estes dois dispositivos disciplinares (Foucault, 2019) se caracterizam como instituições de positividade que formam corpos produtivos, saudáveis, preparados para a vida:

BETO: Na maioria das minhas experiências, a bicha se apresentou pra mim como xingamento, na escola mesmo. [...] Eu era uma criança, bem “criança viada”, então essa palavra [bicha], e ser chamado disso, foi o que me levou a tentar me esconder, tentar não me expressar.

ARIEL: Eu tive um pai muito machista, com uma ideia de masculinidade super pesada e que, no momento em que ele viu que eu estava desviando aquele normativo, foi o caos.

GABRIEL: Apesar de que na escola nem sempre as coisas foram tão tranquilas assim, até a oitava série eu estudava em outro lugar e eu sofria bastante bullying, bastante. (Entrevistas colhidas pelo autor).

Os excertos das falas dos entrevistados pontuam um aspecto central na compreensão das masculinidades: a figura paterna. Isso porque o pai é o primeiro homem que surge – tanto na vida, quanto nas falas – dos entrevistados e compor uma imagem de si diferente daquela do próprio pai parece ser ao mesmo tempo o maior desejo e o maior desafio dos sujeitos em questão. É pertinente ressaltar que o pai exerce um forte simbolismo de como os homens configuram sua relação com a afetividade e outros sentimentos (Almeida, 2007). A figura dos homens bicha é oposta aos esquemas de normatividade de gênero hétero patriarcais, protagonizada pelos próprios genitores destes indivíduos, pois não manifesta a expressão esperada ao seu gênero designado, nem participa da heterossexualidade.

Numa perspectiva interseccional, cabe pontuar que a maioria dos informantes se leem como brancos e apenas um, Ariel, se declarou negro. São homens jovens e na atualidade, lidos como de classe média. Com efeito, cabe ressaltar que Ariel, Omar, João, Júnior e Diogo se criaram em regiões periféricas urbanas ou interioranas e ascenderam socialmente através do trabalho. Nesta perspectiva, Ariel observa que:

Acho que na periferia existe uma faca de dois gumes. Por um lado, existe a compreensão de que, por estar lá, você já faz parte de um grupo completamente desprivilegiado, a única coisa que não podem tirar de você é você, então as pessoas se acolhem ao que elas têm, que são elas mesmas. Então elas se permitem muito mais, eu acho. Têm crianças afeminadas na periferia de um jeito muito mais abrangente do que eu acho que tenha na classe média. E acho que isso acontece na periferia por não ter a noção cristã-judaica de performance do trabalho. [...] Mas confrontando uma bicha periférica com uma bicha de classe média, o que elas não gostam entre si, e eu sei sinto porque eu vejo o encontro [dessas realidades] anualmente no meu aniversário, a periférica, ao mesmo tempo que nunca se viu podada a

performar sua masculinidade, mesmo vivenciando vários problemas pela força evangélica na periferia, ou muita dessas pessoas tenham sido expulsas de casa e não têm acesso à renda, a única coisa que elas podem se agarrar é às suas identidades. E eu acho que quando existe esse confronto, tem uma questão racial da parte das pessoas de classe média que não querem se aproximar das bichas pretas, por exemplo. Isso cria “síndrome de maricona” na [bicha da] classe média porque ela busca performar uma feminilidade muito mais higienizada, pra que elas não se assemelhem às “bichas cabelo Rihanna” porque aquelas ali as bichas de classe média não querem ser, já que elas [as bichas cabelo Rihanna] fazem parte de um grupo pobre, de um grupo preto. É um tipo de feminilidade que parece gerar afastamento [das bichas de classe média]. Tem essa dicotomia que eu acho que é muito clara. Acho que no fim, todo mundo vai convergir pra ser a mesma maricona, mas o processo de chegar lá, pra essas duas pessoas é muito diferente. (Entrevista colhida pelo autor).

O debate sobre raça, classe e regionalidade estrutura experiências de discriminação e resistência. No caso das masculinidades bichas no Nordeste, essa interseccionalidade se torna fundamental para compreender como essas identidades são moldadas por estruturas históricas e contemporâneas de marginalização. O Nordeste é frequentemente representado em discursos midiáticos e acadêmicos como um espaço de tradição, machismo e violência, o que contribui para a construção de estereótipos que reforçam a marginalização de corpos dissidentes. Esse fenômeno se alinha ao conceito de “imagens de controle” formulado por Patricia Hill Collins (2019), que examina como certos grupos são enquadrados em representações sociais que limitam suas possibilidades de existência e resistência. Embora Collins trate especificamente das mulheres negras, seu conceito pode ser expandido para entender como outras realidades são representadas e controladas por meio de estereótipos que as desumanizam.

Também foi possível notar na fala dos entrevistados que ser bicha lhes permite novas formas de transitar pelas masculinidades, repensando o hegemônico, a norma e os padrões de gênero e inaugurando uma compreensão própria do que significa ser homem. Em nossa interpretação, esse fenômeno opera de modo a evidenciar que o gênero masculino não está necessariamente em crise, mas em trânsito. Esse trânsito significa não apenas as claras mudanças para as masculinidades que os movimentos feministas e LGBTQIAPN+ (entre outros) trouxeram nas últimas décadas, mas também a ideia de que ser alguma coisa é estar em constante movimento e transitoriedade:

OMAR: Acho que hoje em dia ficou meio deturpada essa questão da masculinidade, porque as pessoas pintam as unhas e acham que são super disruptivos. Acho que tem muito mais a ver com você entender os seus privilégios enquanto homem. Porque acho que isso atravessa esse debate de masculinidade, porque eu acho que você, mesmo sendo uma pessoa desconstruída, ainda possui certos privilégios enquanto homem. [...] Mas hoje em dia, felizmente, eu mudei essa percepção de masculinidade que eu tinha antes, que tinha que ser tudo fechadinho e tal. (Entrevistas colhidas pelo autor).

Como propôs Megg R. de Oliveira (2018, p. 137), para os homens dominantes, “A transgressão realizada pela bicha e a ambiguidade de um comportamento feminino por um corpo masculino [...] despertaram o medo de que o feminino do outro pudesse estar nele próprio”. Desta maneira, as figuras que se identificam em posições supostamente femininas, mesmo que não necessariamente evoquem a identidade da mulher, têm sofrido violências seculares.

DIOGO: Quando eu era pequeno, ser menino, ser homem, ser macho, era ser o cara que dava em cima de mulheres, que falava abertamente sobre, de forma agressiva, invasiva, sobre as mulheres. Aquele homem que assedia mesmo. [...] Em casa, os meus pais reprimiram muito o meu jeito de falar, porque, por exemplo, eu chamava minha mãe de “Mami”, porque eu gostava, era uma coisa carinhosa, eu achava fofa. E eles me reprimiram porque menino, chamar mãe de mami? Era uma coisa de viado. Quando eu ia, por exemplo, pra uma festa de família, eu era aquela criança que queria dançar, que queria cantar, e eles não gostavam quando isso acontecia e tentavam me tirar daquele meio. Na escola, eu sofria muito mais piadas de meninos, de me chamar de viado, de frango.⁶ (Entrevista colhida pelo autor).

O masculino normativo se volta contra a figura das bichas utilizando-se de diferentes violências. Entre estas, a capacidade de provocar injúria é decorrente de uma ordem masculinista que associa esta figura a uma posição social inferior, devido à sua feminilidade. Conforme aponta Silvério Trevisan (2021), ocorre um processo no qual os mitos do masculino, ou seja, as ficções normativas que sustentam a ideia de uma identidade masculina inabalável são rachados à medida em que a diversidade ganha mais visibilidade.

⁶ Expressão utilizada em Pernambuco como sinônimo de viado, bicha.

O autor entende ainda que a “crise de poder do macho” (Trevisan, 2021, p. 27), trataria da incapacidade das figuras normativas masculinas de lidar com a visibilidade e a luta política de corpos diversos. Tal transformação das masculinidades pode ser melhor entendida como uma crise dos sujeitos frente aos trânsitos da modernidade. Ao passo em que o pensador parece identificar que os homens hegemônicos se encontram perdidos e buscando uma nova definição para suas virilidades, parece ignorar o fato de que a virilidade continua a ser reproduzida, também como forma de violência.

Importa lembrar que qualquer identidade de resistência pode, com o tempo, consolidar normas internas, como observado por Judith Butler (2020), ao discutir como as performatividades podem tanto subverter, quanto reafirmar normas. Isso pode ser exemplificado através das expectativas estéticas e comportamentais, bem como performances de gênero, no âmbito das masculinidades bicha, como é possível perceber nas entrevistas:

ARIEL: Mas eu acho que tem pessoas que colocaram outras coisas na sua identidade, e a feminilidade não foi uma delas. Eu tenho um amigo assim, a gente até brinca chamando ele de Padrão. Então não acho que todo gay é bicha, mas uma grande parte passa por esse confronto.

JÚNIOR: Desde a infância mesmo, já era meio que, pra mim pelo menos, bem perceptível, eu só não sabia dizer o que era. E aí, quando começou esse surgimento dos pelos, a alteração da voz e tudo mais, me veio uma ideia de: “Ah, estou entrando num padrão aceitável, do que a sociedade aceita”.

DIOGO: E quando eu comecei a frequentar mais espaços LGBT, eu sentia e ainda sinto muita falta de representatividade PCD e muito porque já tem esse trauma de como as pessoas vão receber, mas porque eu acredito que, principalmente no meio gay, existe muita pressão, muita pressão estética, então você tem que estar no padrão. Como é que eu, por mais que eu malhasse, por mais que eu virasse um padrão, eu ainda assim ia ter uma deficiência, ia ter que lidar com essas questões?

BETO: Já tive contato com gays normativos, na família por exemplo. Aquela pessoa que falam “Ah, nem parece que é!” e que tem um comportamento que se assemelha muito ao da heteronormatividade, tanto na forma de agir, quanto no que consome, tanto nas companhias, que são com pessoas heterossexuais mais do que com pessoas LGBT. E são emoções mistas, por você questionar por que suas experiências não parecem com a dessa pessoa e de você questionar como essa pessoa prefere estar tendo contato com pessoas que não passam pelos mesmos traumas que elas. É talvez um pouco de rancor pela forma como essas pessoas conseguem passar pela vida e ter um pouco menos de dificuldade por se encaixarem no padrão que você não consegue se encaixar, não quer se encaixar, mas sofre as consequências por isso. (Entrevistas colhidas pelo autor).

Observar masculinidades gays apenas como masculinidades não consegue dar conta da especificidade de experiências proporcionadas pela quebra da norma de sexo/gênero/desejo (Butler, 2019). As entrevistas que coletamos nos demonstram, na verdade, que não há uma masculinidade gay única e fixa, mas, que essa experiência se intersecciona com diversos outros marcadores sociais. Assim, ao analisar as narrativas de 8 gays nordestinos, pudemos perceber que suas masculinidades não apenas se desviam da norma do desejo heterossexual, como da performance hegemônica do que pode significar ser homem, gay e nordestino. Dessa maneira, mesmo que a normatividade do gênero masculino seja, em alguma medida, tensionada, não é superada, apenas reafirmada em outras configurações, na medida em que, também, se apoia em uma certa feminilidade enfatizada (Connell, 2005), ou seja, naquilo que se entende como hegemônico do feminino.

Por último, percebemos que os sujeitos tinham a intenção de construir o ser bicha socialmente, por meio de redes de apoio e sustentação mútua, pensando politicamente o comum. A própria “negação” dos sujeitos bicha em se relacionar em ciclos sociais compostos por heterossexuais se dá por conta do trauma causado pelas experiências homofóbicas. A articulação comunitária feita pelas bichas as permite criar um espaço seguro umas para as outras, garantindo-lhes segurança emocional, física e social:

KAUÊ: Isso foi não só na infância, mas até hoje. Os amigos homens que tenho hoje são da comunidade, né? Mas, acho que é comum isso pra gente. É mais porque é mais fácil delas aceitarem a gente do que os garotos. Porque a gente não gosta de futebol na maioria das vezes. A gente não gosta dessas coisas que garoto gosta.

JOÃO: Mas esses grupos são muito importantes. Eu só consegui achá-los muito tarde na minha vida, mas hoje em dia acho que as crianças, adolescentes, conseguem achá-los muito mais cedo, no momento certo, ali na adolescência, quando a gente tá começando a se entender enquanto pessoas sexualmente ativas, enquanto pessoas afetivamente ativas, enfim. (Entrevistas colhidas pelo autor).

A partir das entrevistas, notamos que a ideia de ser um homem feminino não torna nenhum indivíduo menos masculino, uma vez que as bichas utilizam a noção de

trânsito do sujeito como instrumento que permite se forjarem enquanto partícipes do sistema sexual a partir de uma posição contraditória em relação ao gênero e à sexualidade.

Com base nas discussões sobre identidades já realizadas pelos movimentos queer, entendemos que a ideia de multidão (Preciado, 2011) é importante e pertinente para criar políticas públicas visando ajudar a comunidade sexo-diversa e, no que se centra no presente trabalho, os homens femininos, que mesmo construindo alianças de autorizações mútuas em seus grupos sociais, ainda precisam de atenção em diferentes áreas sociais.

Conclusão

Ao longo deste artigo foram recuperadas algumas das ideias fundamentais que levaram o campo de estudos de gênero a equacionar as masculinidades como um objeto de análise crítica que possui um caráter promissor para a continuidade das disciplinas feministas. Assim, algumas das possibilidades criativas utilizadas pelas pessoas que deram o pontapé inicial nesse campo de estudos: a “adjetivação” (por exemplo, hegemônica, marginal, cúmplice, subordinada) das masculinidades como uma solução para o enquadramento de determinadas realidades que podem ser analisadas em suas especificidades. Este recurso, possibilita ainda outras reflexões, como a ideia de masculinidades bicha, aprofundada e discutida neste artigo.

É interessante pensar que, apesar de dar conta de descrever e analisar vivências marginalizadas, a ideia de masculinidades bicha trata muito mais de uma perspectiva teórico-política utilizada para compreender a desestabilização dos papéis de gênero empreendida por determinados sujeitos historicamente localizados, do que de um esfacelamento completo do sistema de sexo/gênero/desejo. Refere-se a uma realidade em que ainda se mantêm certas posições binárias, reafirmadas pelos próprios sujeitos. Categorias como “homem”, “homossexual” e “feminino”, frequentemente evocadas pelas próprias bichas, são alguns exemplos dessas posições. Ser homem e ainda assim ser bicha, ou ser bicha sem deixar de ser homem reforça, pelo menos, três binarismos

fundamentais que não apenas designam, mas também estabelecem limites (fronteiras) dentro das quais se desenham as possibilidades de tornar-se algo: homem e mulher; por decorrência, masculino e feminino; e heterossexual e homossexual.

Em suma, masculinidades bicha é uma ideia-conceito utilizada para fazer referência às relações estabelecidas por sujeitos que se reconhecem enquanto homens, mas, mesmo utilizando de artifícios que flutuam entre os gêneros, não se comprometem de maneira prioritária ou exclusiva com aquilo que aparenta ser masculino ou feminino. É pertinente ressaltar que podemos integrar nessa ideia-conceito homens que não se comprometam com a masculinidade hegemônica e os preceitos dominantes do ser homem em nossa sociedade. Cabe observar ainda que as masculinidades bicha não abarcam exclusivamente uma autoidentificação bicha, mas sim um entendimento de vivências que corroborem com as masculinidades afeminadas ressignificadas, comumente notadas em homens homossexuais, assim como discutimos.

Colocado de outra forma, independente da identificação masculina, os indivíduos em questão podem, ou não, se referir uns aos outros no feminino sem que isso seja de maneira irônica, se maquiar, atuar como drag queens, entre outras possibilidades. Ao utilizar a ideia de bicha, busca-se pensar, analisar e apreender algumas das criatividades produzidas pelo masculino fora das inscrições hegemônicas que marginalizam determinados sujeitos no sistema de sexo e gênero. Ao passo em que um sujeito tido socialmente como homem se assume bicha, a masculinidade dele, ou seja, a relação que ele estabelece com outros homens, a sociedade e o contexto sócio histórico em que esse indivíduo se localiza, interrompe com determinadas normas de gênero, ao passo em que cria a si mesmo de maneira não exclusiva com o binarismo normativo e a performance de gênero dominante.

Referências

ALBUQUERQUE, Mateus de Melo. **Masculinidades bicha**: quando os homens se colocam contra a hegemonia. 2023. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49908>. Acesso em: 27 abr. 2025.

ALMEIDA, Maria Beatriz Vidigal Barbosa de. **Paternidade e subjetividade masculina em transformação**: crise, crescimento e individuação. Uma abordagem junguiana. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-13082007-150555/pt-br.php>. Acesso em: 27 abr. 2025.

BIERNACKI, Patrick; WALDORF, Dan. Snowball Sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/004912418101000205>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/004912418101000205>. Acesso em: 27 abr. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2020.

CARRIGAN, Tim; CONNELL, Raewyn; LEE, John. Toward a new sociology of masculinity. **Theory And Society**, v. 14, n. 5, p. 551-604, 1985. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/bf00160017>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/657315>. Acesso em: 27 abr. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2005.

CONNELL, Raewyn. Uma trajetória pessoal e acadêmica: entrevista com Raewyn Connell. Entrevista cedida a Miriam Adelman e Carmen Rial. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 211-231, 2013. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24328043>. Acesso em: 27 abr. 2025.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2025.

DEWES, João Osvaldo. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling**: uma descrição dos métodos. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Estatística) – Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. 9. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

HALBERSTAM, Jack. **Female masculinity**. Durham: Duke University Press, 2019.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 27 abr. 2025.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-114.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

LOPES, Fábio Henrique. Masculinidades homossexuais afeminadas: hierarquias e virilização do(s) masculino(s) no Brasil, décadas de 1970 e 1980. In: MAIOR JUNIOR, Paulo Souto; QUINALHA, Renan (org.). **Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil**. São Paulo: Elefante, 2023. p. 555-574.

MARTINELLI, Leonardo da Silva. **Da normatização biopolítica à normalização de masculinidades homoeróticas**: uma arqueogenealogia do gay padrão no Brasil (1980-1999). 2023. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/250165>. Acesso em: 27 abr. 2025.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

OLIVEIRA, Megg Rayara de. Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados e bichas pretas no Brasil. In: CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço (org.). **De guri a cabra macho**: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p. 127-145.

PRECIADO, Paul. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhxHdwk/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

ROJAS JR, Joseph Luis. **Bicha space-time**: queer and trans femme spatial practices in Sobral, Ceará. Dissertação (Mestrado em Artes) – Department of Latin American Studies University of Texas, Austin, TX, 2023. Disponível em: <https://repositories.lib.utexas.edu/items/a190d4f5-e524-4928-9dc5-3df4d0d34ba7>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SALES, Michelle. Nossos fantasmas estão vindo cobrar: giro decolonial na arte contemporânea brasileira. **Vista: Revista de Cultura Visual**, n. 8, p. 1-14, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21814/vista.3641>. Disponível em: <https://revistavista.pt/index.php/vista/article/view/3641>. Acesso em: 27 abr. 2025.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva. 2018.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só**: a crise do masculino. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

ZAMBONI, Marcio Bressiani. **A População LGBT Privada de Liberdade**: sujeitos, direitos e políticas em disputa. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2020. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-29072020-200816/pt-br.php>.

Acesso em: 27 abr. 2025.

When the man is a nancy: *bicha* [faggot] masculinities as an idea-concept under construction

Abstract: The article explores the notion of *bicha masculinities* as a conceptual idea used to observe and analyze other ways of being a man in Brazil. The research aims to analyze the experiences of Northeastern Brazilian men who perform femininities without being entirely detached from the concept of masculinity, expressing it in dissident forms that challenge the hegemonic model. The theoretical-methodological approach was based on a bibliographic review on masculinities and eight narrative interviews with cis, gay and *bicha* men. The findings indicate that *bicha* identity is articulated through a sense of belonging to support groups composed of LGBTQIAPN+ individuals, as well as through the establishment of counter-hegemonic performances, movements, and narratives.

Keywords: Faggot masculinities. Narrative interviews. Masculinities studies.

Recebido: 27/09/2024

Aceito: 06/05/2025